

# ALGUNS VERSOS E POUCA POESIA

---

Se na leitura inventamos  
e reescrevemos tudo que foi dito,  
revelado e velado,  
não mais precisamos  
escrever nossos versos.

---

*Cid Seixas*

Meu primeiro livro de poemas, *Temporário*, foi publicado em 1968, pela Cimape Editora, tendo o segundo, *Paralelo entre homem e rio: Fluvial*, saído em 1972, pela Imprensa Oficial da Bahia.

No ano de 1978 veio a lume *O signo selvagem: metapoema*, editado pelo Departamento de Assuntos Culturais de Salvador, e, no ano seguinte, 1979, a Editora Civilização Brasileira, que

era na época uma das mais importantes do país, publicou, em coedição com o Instituto Nacional do Livro, *Fonte das pedras*, meu primeiro livro de repercussão nacional. Algumas críticas e opiniões foram mais favoráveis do que o merecido e duas outras podem ser chamadas de arrasa quartirão. Não deixaram pedra sobre pó. Vazaram o resto de ágra da fonte.

A partir daí, se passaram treze anos para que fossem reunidos os textos destinados a um novo livro de versos, *Fragmentos do diário de naufrágio*, publicado em Salvador pela Oficina do Livro. E, por fim, veio o derradeiro livro de poemas escritos no século passado, *O espelho infiel*, que foi lançado pela Diadorim, do Rio de Janeiro, em 1996.

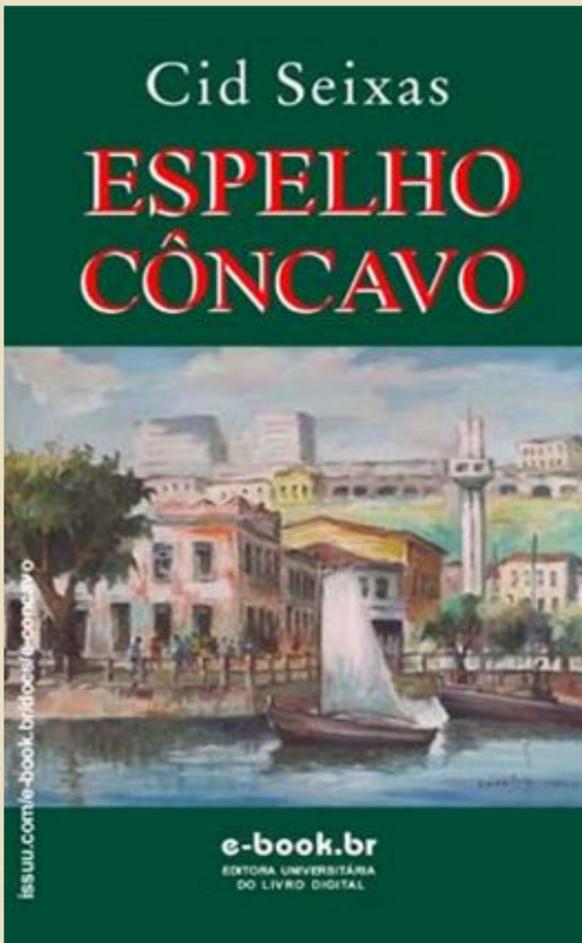
Constato que ao publicar o primeiro livro, ainda muito jovem, não percebi que em meio a muitos versos havia pouca poesia. E assim, trope-

çando e aos poucos, fui aprendendo a ver as coisas – não como eu gostaria que elas fossem, mas como realmente são. Desse modo, ao aprender a ler e a escrever de forma menos insatisfatória, descobri também, e principalmente, que ler é um modo de criar, inventar e ultrapassar os próprios limites. Se na leitura reinventamos e reescrevemos – nas páginas luminosas da imaginação – tudo aquilo que foi dito, velado ou revelado pelos autores lidos, não mais precisamos escrever nossos incertos versos.

Eles não têm o mesmo fulgor de sentidos daqueles nascidos na leitura dos “clássicos”. Foi dessa forma que meus quase poemas foram minguando, qual lua já sem brilho.

Lembro que, ainda jovem, ao conhecer o poeta e agitador cultural Carlos Cunha, começamos a desenvolver algumas atividades destinadas a ultrapassar o momento de incerte-

zas e desencantos pelo qual o país passava, como consequência de um regime político-militar sustentado na força, na prisão e na tortura. De um lado, pessoas dispostas a lutar e a morrer por um ideal de sociedade justa e igualitária que nenhum de nós conhecia, mas imaginava possível construir. Do



outro lado, aqueles que viam apenas o embate entre duas grandes potências totalitárias e defendiam os interesses daquela que lhes parecia mais justa – ou menos injusta.

Para vislumbrar alguma vereda, além do caminho escuro, começamos a realizar eventos culturais, feiras de livros, concursos literários e outras coisas. Criamos uma editora, as edições *Arpoador*, e publicamos algumas obras de autores baianos, graças ao acesso a verbas governamentais para projetos que não entrassem em choque com os senhores do século.

Ao mesmo tempo em que criávamos coisas, Carlos Cunha, mais velho do que eu e por isso mais dado ao pessimismo que o momento impunha, não via horizontes luminosos. Por vivermos em uma cidade, ou em um país, com hábitos de pouca leitura, Cunha costumava dizer que a nossa Bahia tinha mais poetas do que

leitores. E era uma contraditória verdade. Antes, mesmo, de aprender a ler um livro, uma multidão auto laureada de poetas começava a rabiscar na língua dos sonhos tumultuados uma avalanche de palavras impossíveis de ser compreendidas por outras subjetividades que não a do próprio sonhador diurno.

Mesmo sem saber escrever o sentido de um simples recado, todos escrevíamos incompreensíveis poemas cheios de som, vácuo e fúria, significando – nada.

Ao tempo em que eu descobria a luz incômoda da realidade, foi acontecendo um incerto desengano pela atividade lírica, passando a me dedicar ao ensaio e à crítica literária. Em certo momento, percebi que depois de ler autores como Shakespeare, Pessoa, Machado ou Drummond, me sentia incapaz de dizer coisas que pudessem interessar a alguém mais além de mim.

Por isso, preferi, apenas, levar aos leitores, através de comentários e análises, as várias vozes em verso e em prosa que são essenciais. Necessárias, portanto.

Agora, com reservas, e sabendo o quanto limitados são, reúno alguns poemas que, por um ou outro motivo, têm algum significado para mim.

Se a leitura servir para entreter o pensamento ou a emoção de alguém, o trabalho terá cumprido sua razão de ser.

Salvador, Bahia, 2019

---

Apresentação do livro *Espelho côncavo* e da página ALGUNS POEMAS, ironicamente denominada POUCA POESIA.

[linguagens.ufba.br/pdf/e-concavo.pdf](http://linguagens.ufba.br/pdf/e-concavo.pdf)

[linguagens.ufba.br/2019/poucapoesia.pdf](http://linguagens.ufba.br/2019/poucapoesia.pdf)

[issuu.com/e-book.br/docs/e-concavo](http://issuu.com/e-book.br/docs/e-concavo)